

A construção da subjetividade feminina presente em *Mrs. Dalloway* de Virginia Woolf e na poesia de Adrienne Rich

Ariane Avila Neto de Farias

Graduada em Letras
Português/Inglês pela Universidade
Federal do Pampa – Unipampa

arianeaneto@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho tem como meta a análise da obra *Mrs. Dalloway* de Virgínia Woolf e dos poemas *Integrity* e *Splitting* de Adrienne Rich. O tema central circunda o processo da construção da subjetividade e da sexualidade da figura feminina do século XX. Nessa perspectiva, pretende-se fazer reflexões sobre a representação do sujeito feminino na literatura do passado, como indivíduo preso a bases patriarcais, e sobre a construção de sua subjetividade/identidade e sexualidade na contemporaneidade, entendido como sujeito singular e reflexivo diante do poder da figura masculina. A proposta aqui é articular a fala de autoras como Teresa de Lauretis e Simone de Beauvoir com o trabalho de Woolf e Rich, mostrando que, com a crescente discussão de tal construção, promove-se não só uma nova percepção de mundo, mas uma mudança no quadro de referências e critérios na avaliação de fenômenos sociais.

Palavras-chave: Subjetividade feminina. Mrs. Dalloway. Virgínia Woolf. Adrienne Rich

Introdução

O presente artigo resulta de estudos iniciados em 2010 durante a disciplina de Literatura em Língua Inglesa na Universidade Federal do Pampa. A proposta aqui é discutir sobre o sujeito feminino, sua sexualidade e a implicância desta na construção da sua subjetividade ao longo dos últimos dois séculos. Para tal análise, foram escolhidos dois trabalhos: *Mrs. Dalloway* de Virginia Woolf e os poemas *Integrity* e *Splitting* de Adrienne Rich.

No início do século XX, em uma sociedade ainda enraizada no patriarcalismo e em uma estrutura binária dominante/dominado em relação à figura feminina, restava o cumprimento dos papéis pré-determinados a ela como sujeito dominado. Assim, o homem seria o responsável pelo sustento da casa e o detentor de um poder inquestionável, enquanto que cabia à mulher, desde cedo preparada para as obrigações domésticas, o dever materno e privado de atender aos desejos do homem (marido, pai e filho).

Em uma cultura ocidental, baseada em uma ideologia de dominância masculina, a autonomia social feminina não existia, estando esta sempre condicionada aos mandamentos de seu “dono”. Desta maneira, à mulher restava o papel secundário no desenvolvimento da sociedade. Sua voz era silenciada pelas decisões masculinas. Enquanto o homem era o sujeito independente, a figura feminina era o “outro”, tudo o que aquele não o era, ficando evidente que as relações de gênero em tal século não eram guiadas por noções de igualdade e liberdade,

estando as mulheres sujeitas a conceitos de diferença e, principalmente, de inferioridade.

É na segunda metade do século XX que a mulher toma o seu espaço de “sujeito intermitente”, conceito trazido por Inês Signorini em seu livro *Lingua(gem) e Identidade* (2006). Esta é agora habitada pelo desejo e pela razão, ambos incompletos e em um constante processo de reconstrução. Desta forma, percebe-se que a mulher pode ser mais do que esposa e mãe, ocupando o seu espaço na sociedade. Esta não é mais dona de uma identidade e características únicas. O sujeito feminino percebe a construção de sua identidade como indivíduo, fugindo de qualquer estereótipo feminino desejado pela cultura Ocidental do século XIX e início do século XX, reconhecendo sua heterogeneidade como sujeito. A aura angelical feminina trazida pelo Romantismo é agora desconstruída e substituída por um corpo como lugar de diferentes sentimentos e confrontos.

Ao deixar de ter sua subjetividade amarrada aos desejos masculinos, a mulher torna-se, como exposto por Arleen Dallery em seu texto *A Política da Escrita do Corpo: Écriture Féminine* (1997), um produto de seu ambiente, tendo tudo o que a cerca como importância em sua construção/reconstrução. É em seu movimento que a figura feminina de diferentes classes sociais e sexualidades constrói sua subjetividade, desconstruindo, gradualmente, os padrões mantidos por anos como modelos a serem seguidos.

A subjetividade é, assim, reconsiderada em um tempo de grandes transformações e desafios políticos, econômicos e tecnológicos. Tais modificações acarretam em um sujeito em fluxo e em progresso, mutante, “uma composição metamórfica de fragmentos heterogêneos e desarticulados” (DALLERY, 1997, p.54). Surge um frágil indivíduo, constituído por razão e corpo; inteligência e ainda experiência.

Deste modo, busco figurações diversas de mulheres nas obras selecionadas, que escapem ou não aos estereótipos correntes sobre o feminino, nos períodos em questão. Tal busca encontra-se comprometida com a transformação de uma configuração social que apaga a multiplicidade das formas de existir e estar no mundo feminino.

Na primeira parte do presente artigo, explicitarei meus pressupostos de análise e meu arcabouço teórico-metodológico. Portanto, questões concernentes à identidade e subjetividade feminina e de relações de poder e gênero serão discutidas para que então, na segunda parte do trabalho, se passe à análise da obra de Virginia Woolf, *Mrs. Dalloway*. Na parte que se segue, será apresentada a análise dos poemas de Adrienne Rich. Por fim, nas considerações finais, buscarei um balanço final de minha pesquisa, retomando as matrizes de sentido, valores e representações sociais sobre a subjetividade e sexualidade feminina encontradas ao longo da análise das fontes.

A subjetividade feminina e os instrumentos para a sua análise

Como uma infinita fonte de representação da vida e da sociedade, é na literatura que os seres humanos encontram o melhor caminho para a imputação de sentido à vida e a si mesmo. Desta maneira, a literatura de autoria feminina faz-se uma valiosa fonte na pretensão de uma aproximação possível da maneira como se dá/deu a construção das subjetividades femininas. Tal escrita converte-se em um meio de interpretação das sensibilidades femininas e das manifestações das exterioridades públicas e privadas da mulher no decorrer da história. Interpretada por si mesma, a figura feminina é, assim, reflexo do mundo que a cerca e de suas experiências.

Experiência é o processo pelo qual para todos os seres sociais a subjetividade é constituída. Através desse processo a pessoa se coloca ou é colocada na realidade social, e assim, percebe e compreende como subjetivas (que se originam no indivíduo e se referem a ele próprio) aquelas relações - materiais, econômicas e interpessoais - que são, de fato, sociais, e, numa perspectiva maior históricas. (LAURETIS, 1984, p.159)

Os indivíduos estão sempre se definindo diante de uma realidade pela historicidade das relações sociais. Estes são definidos diante de uma realidade construída pelo olhar do outro, pela historicidade das relações sociais, percebendo-se a qualidade interpretativa desta diante de uma análise social. O sujeito participa da construção de uma realidade percebida, representada e interpretada por seus atores - que está de certa forma presente

quando se nasce e, portanto, constrói este em sua subjetividade. Por construção da subjetividade ou modos de subjetivação, adota-se aqui o conceito trazido por Foucault em seu livro *Ética, Sexualidade, Política*, onde tal construção é vista “como o processo pelo qual nós obtemos a construção de um sujeito, mais exatamente de uma subjetividade de que nada mais é que uma das possibilidades dadas de uma organização de uma consciência de si” (FOUCAULT, 2001, p.106). A experiência não é, portanto, algo autoevidente ou definido, é antes uma interpretação a ser interpretada na análise social.

Se por um tempo a crença em uma relação direta entre pensamento, linguagem e o mundo perdurou trazendo noções de evidência à experiência, hoje se sabe que o sentido sempre pode ser outro e o sujeito não tem o controle daquilo que está dizendo; desaparecem, então, as relações entre os três conceitos já citados. A língua é diretamente afetada pela história. Se as diferentes identidades são perpassadas pela língua e outros elementos, esses estão intimamente ligados ao social, sendo então variáveis.

Novas identidades surgem desmistificando o indivíduo unificado, coerente, centrado e fixo que marcava as relações de poder, refletindo e reificando as práticas de um grupo formado por homens brancos ocidentais e heterossexuais. Deste modo, as questões concernentes à subjetividade e identidade são importantes na modificação das relações hierárquicas e de poder, sendo a figura feminina a maior privilegiada, já que durante um longo período sua identidade de gênero fora fixa e fixada a partir

de seu corpo biológico. O destaque dado ao sexo como a essência da representação do ser é, assim, mais do que uma ficção reguladora, que rejeita as diferentes formas de existência e aprisiona as identidades em um sistema binário (masculino/feminino), sistema este que institui hierarquias e relações assimétricas de poder.

Noções sobre a sexualidade feminina evoluíram com o tempo. Com a repressão à verdade íntima do desejo feminino, uma identidade sexual genuína ou autêntica não era vista. Como Susana B. Funck salienta em seu ensaio *Sexuality: Subverting the Absolutism of the Tradition*, “over the past generation, many of the old organizing patterns and controls have been challenged, and often undermined, and sexuality has come closer than ever before to the center of public debate” (FUNCK, 1998, p.16). Se no início do século XX o sexo era tabu, na segunda metade tudo muda e o feminino já não parece mais uma noção estável, sendo seu significado problemático.

Em uma cultura patriarcal ocidental, a sexualidade feminina foi, por longo tempo, oprimida, sendo regulada pelo poder masculino. Desta maneira, sem o poder, a mulher não podia decidir seu próprio caminho, vivendo de acordo com os padrões masculinos. Em tal estrutura social, sua sexualidade era do masculino que a usava sem a menor cerimônia. Simone de Beauvoir em *O Segundo Sexo* (1980) assevera que o corpo feminino, até a primeira metade do século XX, foi marcado no discurso masculinista, pelo qual o corpo masculino, em sua fusão com o

universal, permanece não marcado, enaltecendo o gênero masculino com o portador de uma personalidade universal. Por fim, ela ainda propõe que o corpo feminino deveria ser a situação e o instrumento da liberdade da mulher, e não uma essência definidora e limitadora.

Assim, de acordo com Arleen Dallery, é possível dizer que a sexualidade da mulher do novo século excede a experiência da heterossexualidade. Nas palavras da autora, “the sexuality of woman is not one, but two, or even plural” (DALLERY, 1997, p.90). A segunda metade do século XX traz uma nova escrita do corpo feminino, longe daquela criada por uma cultura masculina. Com a derrubada da heterossexualidade compulsória inaugura-se um verdadeiro humanismo da “pessoa”, livre dos grilhões do sexo. Deste modo, o sexo é entendido por diversos caminhos.

Passa-se, assim, a existir um “lesbian continuum”, conceito reconhecido por Adrienne Rich em seu trabalho *Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence*, (1983), que confirma que o desejo entre duas mulheres ultrapassa a ideia primária da pura experiência genital, configurando-se como uma forma de luta contra a opressão masculina e de resistência a deveres femininos impostos como o casamento e a maternidade. O lesbianismo, para Rich, “is a form of naysaying to patriarchy, an act of resistance” (RICH, 1980, p.52). Parece que “a lesbica” emerge como um terceiro gênero, prometendo transcender a restrição binária do sexo imposta pela heterossexualidade binária.

Sob o nome de lésbica, o sujeito, com seu atributo de autodeterminação, parece ser a reabilitação do agente da escolha existencial: “o advento de sujeitos individuais exige, em primeiro lugar, que se destruam as categorias de sexo, [...] a lésbica é o único conceito que conheço que está além das categorias de sexo” (BUTLER, 2012, p.43), como nos mostra Judith Butler em *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Para a mesma autora, “se o desejo pudesse libertar a si mesmo, nada teria a ver com a marcação preliminar pelo sexo” (BUTLER, 2012, p.45).

***Mrs. Dalloway* e a representação da mulher**

Em *Mrs. Dalloway* (1925), de Virginia Woolf, tem-se Clarissa Dalloway como protagonista, uma mulher já de meia-idade, cujas paixões da juventude foram extintas. Sua história se passa em um único dia, mostrando, sutilmente, as reações e angústias humanas dentro dos limites sociais de suas relações. Durante a narrativa, ela relembra momentos decisivos de sua vida. As profundezas do pensamento de Dalloway são apresentadas enquanto estes perpassam diferentes acontecimentos. Na tentativa de pensar além de suas obrigações como figura feminina em uma cultura ocidental, Clarissa parece ser mais do que mãe e esposa.

Woolf apresenta em seu trabalho uma mulher composta em seu movimento, em suas experiências no tempo e espaço. Clarissa, em sua movimentação, sinaliza a subjetividade humana fragmentada, multifacetada e como resultado de escolhas, ações e

reações no presente e no passado. Ela é o resultado da complexa composição do sujeito. Tem-se na obra aqui analisada um indivíduo constituído por sua língua, desejos e outros elementos, bem distante do conceito de homogeneidade.

Ao reconhecer sua heterogeneidade, Mrs. Dalloway constrói sua identidade como sujeito feminino. Mesmo como “prisioneira” dos padrões masculinos, ela percebe que é mais do que um passivo objeto. Ela, agora, pode assumir o papel de sujeito transformador. Não se aceita mais o “aprisionamento” masculino. Como é possível perceber no excerto abaixo, Clarissa questiona o sentido do casamento, que para ela é liberdade, independência:

não casar com ele [Peter]. No casamento é preciso um pouco de licença, independência entre duas pessoas que moram juntas na mesma casa; o que o seu marido Richard à dá e ela a ele. (Onde ele estaria aquela manhã. Por algum comprometimento, ela nunca perguntava.). (WOOLF, 1953, p.131)

Em uma manhã ao comprar flores, os valores de Dalloway são questionados e parecem mudar: o corpo até então “colonizado pelo homem”, como elencado por Lauretis, pode ser carregado por seu real proprietário. Não mais silenciada, a figura feminina é a soma de seus “eus” e suas experiências adquirem uma maior importância. Paradigmas são quebrados. Se todo o sujeito carrega a ideia de fragmentação, qual seria o novo papel do indivíduo feminino? Pode este enfrentar o mundo com sua fraqueza e

sentimentalismo? Silenciadas durante séculos pela sociedade, a mulher passa ao lugar de prazer e descobertas.

O espírito transgressivo de Clarissa é percebido, principalmente, quando a personagem lembra-se de sua experiência homoafetiva com a amiga Sally: um beijo trocado em um passeio. Este desejo vem à mente de Dalloway, e enquanto esta pensa sobre sua própria existência, múltiplas memórias reaparecem compondo-a pouco a pouco como indivíduo. Assim, seus sentimentos por uma mulher, na adolescência, não podem ser desconsiderados. Clarissa questiona-se sobre se ela realmente era apaixonada por Sally no passado, como se pode ver: “mas essa questão de amor (ela pensa, enquanto tira o seu casaco), apaixonar-se por uma mulher. Sally Salton; sua relação com ela no passado. Teria sido aquilo, amor?” (WOOLF, 1953, p.35). Os sentimentos dela por Sally fizeram-na desobedecer às normas masculinas, quebrando com os desejos femininos preestabelecidos.

Entretanto, quando se analisa um texto através de conceitos dos estudos culturais e de gênero, principalmente concernente ao início do século XIX, quando o processo de mudança do sujeito está apenas em seu começo, a consideração da classe social de Mrs. Dalloway se faz pertinente. Mesmo indo além das privações femininas, Clarissa não transgride a ordem, continuando, assim, sua vida burguesa inglesa. Por fazer parte de uma classe social mais abastada, ela não possuía reais deveres, tendo ela tempo suficiente para perder-se em seus pensamentos sem em verdade subverter os padrões patriarcais de sua época.

Clarissa, usando a terminologia utilizada por Antonio Cândido em *A Personagem de Ficção* (1998), pode ser vista como “personagem plana”, mesmo que no livro ela muito questione seu *status*, nada de concreto se é feito.

A representação da mulher nos poemas de Adrienne Rich

Nos poemas *Integrity* e *Splittings* de Rich (1973, 1970 respectivamente), é possível perceber um eu lírico, aqui visto como um eu feminino, consciente de si mesmo, de suas atitudes no mundo. O eu lírico vê a possibilidade de ruptura da estabilidade determinada por uma cultura falocêntrica Ocidental e compreende as diferentes possibilidades da construção de si mesmo como sujeito, uma construção sob novos pilares. Tem-se assim uma mulher não mais satisfeita apenas com os domínios privado e doméstico. Em ambos os poemas, tem-se um eu lírico que pensa sobre as possibilidades de aventurar-se em mundo de liberdade, de reconstrução. Para Ana Peixoto em *A Experiência do Trabalho Doméstico em As Horas*, “a mulher da segunda metade do século XX não quer mais apenas trabalhar, mas sim, liberdade, esta como uma forma de dizer não ao sedentarismo, colocando-se em movimento” (PEIXOTO, 2009, p.10). Com a mudança de valores, o “corpo colonizado” feminino pode agora ser colonizado e entregue a seu verdadeiro dono, a mulher.

Nothing by myself? ... My selves
After so long, this answer.
As is I had always known

I steer the boat in, simple.
(RICH, 1993, v.26-29)

Em *Integrity*, o eu lírico, após um período de completa submissão, percebe suas múltiplas facetas. Assim como é levantado por Peixoto, não se pode mais ver a mulher como uma categoria abstrata, mas como seres humanos que tentam agora buscar diferentes caminhos, estabelecendo *links* entre o passado e a vida presente.

Depois de tempos de escuridão, uma nova figura feminina é proposta, enfatizando esta na sociedade. Como visto em *Splittings*, o eu lírico recusa-se a ser mero objeto nas mãos masculinas, assumindo o seu amor por uma pessoa do mesmo sexo.

I am not with *her* I have been waking off and on
all night to that pain not simply absence but
the presence of the past destructive
to living here and now yes if I could instruct
myself, I we could learn to learn from pain
(RICH, 1993, v.3-7)

Ao sofrer pela distância de seu amor, pode se compreender tal sujeito de acordo com os novos conceitos trazidos pelo estudo de gênero. Os estereótipos podem ser questionados e novos papéis para homens e mulheres surgem. O amor do eu lírico por outra mulher em *Splittings* e o reconhecimento de sua heterogeneidade em *Integrity* impõem uma nova figura feminina, esta além dos papéis preestabelecidos em uma sociedade masculina. O eu lírico de ambos os poemas busca mudar a situação da mulher e tem a necessidade de se ajustar aos novos tempos, indo além das

preocupações do casamento e maternidade. Sem o cumprimento do destino feminino, este eu escapa do julgamento masculino e da opressão doméstica, onde o homem é a figura máxima. Desde muito cedo a figura masculina mostra grandes vantagens na força física com a qual combate contra elementos perigosos. Neste contexto, emerge o sexo feminino como o "outro", o diferente, que pode mostrar-se também um perigo ao masculino. Mas nos poemas de Rich percebe-se uma mulher completamente diferente, segura para seguir em frente.

Comparada a Mrs. Dalloway, o eu lírico dos poemas de Rich transgredir os padrões de formas mais bem estabelecidas, o seu amor por outra mulher é mais profundo. Enquanto Clarissa idealiza sobre um fato não consumado com sua amiga Sally, a figura feminina em *Splittings* e *Integrity* lembra com nostalgia de um relacionamento por ela vivido, sendo mais direta que Clarissa e admitindo o seu desejo.

we are older now
we have met before these are my hands before
your eyes
my figure blotting out all that is not mine
I am in pain of division creator of divisions
it is I who blot your lover from you
and not the time-zones not the miles
it is not separations calls me forth but I
who am separation And remember
I have no existence apart from you.
(RICH, 1993, v.10-19)

Em tal passagem vê-se um eu lírico que quer esquecer-se do que não participa de sua constituição como sujeito. Vê-se uma mulher fugindo de todas as características impostas por uma sociedade patriarcal, onde a figura feminina é um objeto cheio de inscrições masculinas.

Desta maneira, fica claro que o processo da mudança da subjetividade feminina começou apenas na segunda metade do século XX; se no início desse século tínhamos mulheres como Clarissa, de *Mrs. Dalloway*, a qual tinha muito tempo livre para pensar, na segunda metade do mesmo século tem-se mulheres como o eu lírico de Rich, que pode transgredir o *status* reservado à mulher, percebendo as possibilidades de reinvenção feminina, reconstruindo um sujeito fragmentado. Sem estar presa a conceitos e regras como Clarissa, o eu lírico dos dois poemas de Adrienne Rich vai além do mero objeto desejado do poder masculino.

Conclusão

A formação da identidade e do gênero é uma relevante questão nos três textos aqui analisados. A análise da situação feminina nos trabalhos de Woolf e Rich prova uma reflexão sobre a organização da identidade (subjetividade) e também oferece indicadores para a expansão de tal estudo. Não são apenas propostos novos paradigmas para a valorização da experiência da mulher, mas também uma desconstrução da assimetria

masculino/feminino, trazendo à tona novos questionamentos da construção da identidade da figura feminina.

Claramente, o sujeito feminino adquiriu, de certa forma, um espaço próprio na sociedade, exemplificada pela obtenção do respeito. Algumas mulheres deixaram suas posições objetivadas para tornarem-se efetivamente um sujeito pensante, subvertendo todos os conceitos patriarcais. Em *Mrs. Dalloway* e nos poemas de Rich pode-se ver um grande desejo de liberdade feminino. Enquanto Clarissa, enraizada em uma sociedade patriarcal, desfruta de apenas um dia de “pensamentos perigosos”, o eu lírico dos poemas aqui analisados é levado por seus sonhos e palavras, constituído e influenciado diretamente por ambos.

Nas linhas de Rich é discutida a dominação feminina nas relações profissionais, interpessoais. Enquanto que em Woolf tem-se Clarissa em uma sociedade mais abastada, nos poemas de Rich vê-se a construção de um sujeito feminino que poderia ser alcançado em outro tipo de sociedade, diferente daquele de *Mrs. Dalloway*. O eu lírico que constrói esse sujeito analisado em Rich é culturalmente rico, uma civilização idealizada.

No trabalho de Virginia Woolf, Clarissa sente-se inadequada e infeliz em seu espaço doméstico e privado. Invisível, ela é apenas *Mrs. Dalloway* e não mais Clarissa. Ela pode encontrar o sentimento da real felicidade ao pensar sobre a complexidade de tal palavra e a impossibilidade de seu encontro por uma mulher. Ela pode ver o significado de tais deveres ao mesmo tempo em que percebe que isso é tudo que ela tem e é.

Nesta perspectiva, está inserida uma experiência feminina que habilita a emergência de um eu multifacetado, o qual surge como produção literária onde as discussões sobre os problemas referentes à representação da mulher incluem a ética, a história e, ainda, as questões sociais, exemplos presentes nos textos aqui trabalhados. Estes textos constituem um espaço de reflexão sobre o discurso hegemônico e práticas sociais guiadas pela cultura Ocidental.

Com isso pode-se dizer que a expectativa aqui é a de que tal estudo contribua para o aperfeiçoamento da reflexão sobre a subjetividade feminina e a construção de gênero. Pela consciência de elementos-chave na transformação e na reescrita da realidade feminina, o processo visto na análise dos livros ajudam no delineamento do papel social e da responsabilidade feminina diante de sua sociedade.

Referências:

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. v.1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANDIDO, Antônio. *A personagem de ficção*. 8.ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

DALLERY, Arleen B. A política da escrita do corpo: écriture feminine. In: JAGGAR, Alison.; BORDO, Susan R. *Gênero, corpo*,

conhecimento. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997, p.62-78.

FOUCAULT, Michel. *Ética, Sexualidade e Política*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2004.

FUNCK, Susana Bornéo. *The Impact of Gender on Genre: Feminist Literary Utopias in 1970s*. Monografia (Pós-Graduação em Inglês) - UFSC, Florianópolis, 1998.

LAURETIS, Teresa de. *A tecnologia do gênero*. In: HOLLAND, B.H. *Tendências e Impasses: o feminismo como a crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

PEIXOTO, Ana Adelaide. *A experiência do trabalho doméstico em 'As Horas'*. In: *Letra Viva*, v.9, n.1. João Pessoa: Ideia, 2009, anual.

RICH, Adrienne Cecile. *Adrienne Rich's poetry and prose: poems, prose reviews, and criticism*. Selected and Edited by Barbara Charlesworth Gelpi. New York: W. W. Norton & Company, 1993.

RICH, Adrienne Cecile. *Compulsory heterosexuality and lesbian existence*. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, University of Chicago, v.5, n.4, p.631-660, 1980.

SIGNORINI, Inês. *Lingua(gem) e Identidade*. São Paulo: Mercado das Letras Edições e Livraria Ltda, 2006.

WOOLF, Virginia. *Mrs. Dalloway*. New York: Harcourt Brace Javanovich, 1953.